

Em memória de Vinicius de Figueiredo (1965-2025)

[In memory of Vinicius de Figueiredo (1965–2025)]

Joel Thiago Klein

Editor

Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil)

DOI: 10.5380/sk.v23i3.103200

Vinicius Berlendis de Figueiredo tinha uma presença marcante. Ele dispunha de uma capacidade de organizar e estimular o espaço intelectual ao seu redor, sem jamais pretender ocupá-lo por inteiro. Seu abrupto falecimento nos confronta não apenas com a interrupção de uma obra, mas também com a suspensão de um modo de estar na filosofia e na universidade. Sua maneira de pensar, rigorosa e ao mesmo tempo reflexiva e reflexionante, estava sempre atenta ao enraizamento histórico do universal e à ponderação crítica do contexto.

Conheci Vinicius como colega de trabalho, mas minha admiração profissional e a convivência no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (onde ele era professor desde 1993) logo tiveram a oportunidade de se transformar em amizade. Havia nele uma forma muito particular de amizade intelectual, marcada por rigor, franqueza e uma curiosa combinação de ironia e generosidade. Conversar com Vinicius era sempre ser levado a pensar melhor, não necessariamente a pensar como ele, mas a responder e reavaliar opiniões já formadas.

Essa disposição para o diálogo não era apenas um traço de temperamento; era, antes, uma concepção de filosofia. Para Vinicius, pensar nunca foi um exercício solitário de interioridade. Pensar era ponderar, testar argumentos no espaço público, sustentar posições sem transformá-las em dogma. Havia, nesse sentido, uma afinidade profunda entre sua prática intelectual e aquilo que ele próprio investigou ao longo de décadas: a filosofia moderna, o Esclarecimento, a crítica, a constituição do espaço público.

Seu engajamento com a filosofia brasileira deve ser compreendido a partir dessa perspectiva. Vinicius nunca pensou a filosofia como importação de modelos ou como simples aplicação local de tradições estrangeiras. Ao contrário, sua relação com Kant, Rousseau, Pascal, Hume ou Diderot passava sempre por uma pergunta insistente: o que significa pensar aqui, agora, junto com esses autores? Não se tratava de “nacionalizar” conceitos, mas de colocá-los à prova das nossas circunstâncias históricas, institucionais e políticas. Ao mesmo tempo em que buscava pensar a filosofia brasileira nos seus problemas particulares e enraizada na sua própria história, não entendia que isso fosse possível a partir de uma perspectiva paroquial ou de uma insularidade intelectual. Via com desconfiança projetos que manifestam sectarismos, bem como o apego identitário que pretende substituir o trabalho conceitual.

Esse compromisso se manifestou de maneira exemplar em sua atuação institucional. Vinicius acreditava que a filosofia não sobrevive apenas de bons livros e boas aulas, embora nunca tenha negligenciado nenhum dos dois, mas precisa também de revistas, associações, programas de pós-graduação, critérios de

avaliação, espaços de discussão e decisão coletiva. Participar da vida institucional da filosofia brasileira não era, para ele, um desvio burocrático da atividade intelectual: era uma forma de pensar a própria filosofia.

Foi nesse espírito que se dedicou à construção e à consolidação de revistas, grupos de pesquisa, associações acadêmicas e instâncias nacionais de avaliação. Seu trabalho na ANPOF (2010-2012), na CAPES (2014-2018) e na Sociedade Kant Brasileira (2004-2007) sempre foi marcado por uma combinação rara de diálogo e construção de um projeto conjunto. Vinicius sabia discordar sem desqualificar, criticar sem ofender, defender posições sem transformar divergências em antagonismos pessoais. Em tempos de polarização, essa postura adquire um valor ainda mais significativo. Vinicius costumava destacar que sua gestão na coordenação da área de filosofia na CAPES havia ampliado o respeito com que as outras áreas viam a pós-graduação em filosofia no Brasil.

Como professor, Vinicius deixou uma marca profunda em gerações de estudantes. Não apenas pela vastidão de seu conhecimento, mas pela maneira como ensinava a ler. Ler, para ele, nunca foi acumular referências ou exibir erudição, mas aprender a perceber os deslocamentos internos de um texto, suas hesitações, suas tensões, seus silêncios. Muitos de seus alunos aprenderam com ele que ler é também assumir responsabilidade pelo que se diz.

Sua obra escrita como pesquisador e tradutor, além de extensa, diversa e rigorosa, permanecerá como testemunho desse modo de pensar. Mas talvez seu legado mais duradouro não esteja apenas nos textos publicados e sim nos modos de fazer e pensar que ajudou a instituir: modos de ler, de discutir, de organizar, de avaliar, de ensinar, de conviver.

Ele tinha uma vitalidade e generosidade que impressionavam e um senso de responsabilidade e espírito público dificilmente comparável. Como colega e amigo, ele era alguém com quem sempre se podia contar. Ao nos darmos conta de sua ausência, percebemos o quanto ele estava presente, como uma referência, como alguém cuja palavra tinha peso porque era sempre ponderada. Reconhecer essa presença é também reconhecer uma forma de fazer e pensar a filosofia que nos cabe continuar.

Este volume da *Studia Kantiana* é dedicado ao Vinicius, ou “Vinas” como chamado por alunos e amigos. Trata-se de uma pequena homenagem a um grande amigo, professor, colega, pesquisador e também grande Kantiano brasileiro.

Joel Thiago Klein
Professor da Universidade Federal do Paraná
Editor da *Studia Kantiana*